

ARTE E CULTURA E UNIVERSIDADE: uma experiência utópica*

Lucimar Bello Pereira Frange**

A Epistemologia da Arte, dentro de uma Multiculturalidade Brasileira-Universal, é diversa, complexa, abrangente, heterogênea, repleta de conceitos e imagens que se estendem para além de seus significados. São construções e, simultaneamente, desconstruções, para outras construções incessantes.

Tomo, para minha reflexão-crítica, imagens e conceitos que possibilitem questões e inquietações ampliadas.

De início, seleciono imagens de artistas plásticos, imagens diacrônicas no tempo e no espaço e proponho um exercício de pensamento estético-visual que passe pela criação.

Proponho um passeio por 6 imagens, 6 artistas, 6 slides, 6 abordagens, 6 questões, 6 caminhos.

1ª imagem - **Las Meninas**, de Vélazquez, 1656.

2ª imagem - **De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?**, de Gauguin, 1898.

3ª imagem - **Os Valores Pessoais**, de Magritte, 1952.

4ª imagem - **O Corpo é a Casa**, de Lygia Clark, 1969.

5ª imagem - **Parangolés**, de Hélio Oiticica, 1964.

6ª imagem - **Cidades Utópicas**, ousadamente minhas, Lucimar Bello, 1993-94.

ARTE são manifestações culturais da atividade humana, contextualizadas em uma sociedade e diante das quais nos sentimos seduzidos, assombrados, desafiados e apaixonados por suas belezas e "suas feiúras".

Artes Plásticas são imagens e formas selecionadas, privilegiadas conforme o agrado ou a rejeição que nos dão; são formas e imagens interligadas a valores histórico-estético-culturais.

Arte é um fazer, um conhecer, um exprimir segundo Luigi Pareyson.

CULTURA é, a meu ver, a humanidade com todas as suas riquezas e multiplicidades de formas de expressão, como na obra "**Las Meninas**" de **Vélazquez, 1656**

IMAGEM N° 1°

Nesta obra, há um entruzamento de olhares, olhares que buscam, escarafuncham e questionam.

Olhares entre personagens, olhar do autor - o próprio Vélazquez, que nos aprisiona na obra ao sermos o modelo do pintor; olhares que tentam ver os quadros pintados nas paredes ao fundo; olhares de um fidalgo que, ao mesmo tempo, entra e sai de uma porta que nos chama pela intensa luminosidade. Vélazquez nos permite e nos induz a pensar em:

- 1°. realidades antropológicas e sociais,
- 2°. realidades históricas e culturais,
- 3°. universos imaginários,
- 4°. universos simbólicos,
- 5°. diversidades,
- 6°. dinamicidades.

A pintura não é um fim em si mesma; é o significado de formulações, perguntas e respostas inesperadas, que geram indagações sucessivas. A pintura é, sempre, obra aberta, alicerçada na multiculturalidade, e a obra de Vélazquez é

* Este trabalho foi publicado de acordo com o original, tendo em vista manter-se fiel à proposta estético-visual da autora.

** Professora do Departamento de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia, mestre em Artes e Arte-Educação e Doutora em Artes pela USP.

atemporal, pois transcende tempos e espaços. "Las Meninas" de Vélazquez contém o projeto e o desígnio, aos quais se refere Vilanova Artigas.

São inerentes à cultura seis categorias: Habitar, Trabalhar, Passear, Comer, Conversar, Saber. Estamos, atualmente, despossuídos destas categorias e destas dimensões:

- . habitamos espaços os quais não possuímos;
- . trabalhamos sem a satisfação e sem a realização pessoal, ética, política e econômica, pois exploramos e somos explorados;
- . passeamos correndo, sem tempo e sem espaço, passeamos sem o sabor do passeio;
- . comemos devorando, sem a possibilidade de um ritual;
- . conversamos sem nos possuímos, e sem entradas e saídas nos universos de uns e outros;
- . sabemos estereotipadamente, na maioria das vezes. Sabemos saberes sem sabores, sem degustações!

Arte EXIGE SABERES E DEGUSTAÇÕES
sejam eles doces, amargos,
ácidos ou excessivamente
desafiadores.

UNIVERSIDADE é, a meu ver, um espaço no qual as pessoas de uma comunidade universitária intercambiam saberes com as pessoas de toda uma sociedade. A Universidade é espaço de atuação, cujo princípio fundamental é a tríade **ensino, pesquisa e extensão**, alicerçada em teoria-práxis-reflexão. Os currículos universitários monumentalizam o que já se sabe e minorizam estudantes, cientistas e pesquisadores. Quais as direções de nossos próprios desejos e proposições dentro dos espaços acadêmicos? Quais têm sido nossas buscas e investimentos para SABERMOS ARTE E SABERMOS SER PROFESSORES DE ARTE?

IMAGEM N° 2°

"De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?" Gauguin.
Gauguin deixa a cidade de Paris efervescente e

adota o Taiti como espaço para viver e se transformar em imagens, desconstruindo, para, a partir daí, construir-se com força total.

Nessa obra, pinta toda uma trajetória, da vida à morte; bens simbólicos e bens imaginários; exaltações e depressões; infância maturidade velhice; um meio-inteiro-ambiente pessoal, coletivo, múltiplo, diverso, dinâmico.

Gauguin, através de "**De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?**", expõe-se, por inteiro, ao universo.

Gauguin deixa um mundo "civilizado"
para habitar um mundo "bárbaro".

A Universidade tem um papel de produtora de saber em uma época de barbárie na qual estamos atolados até o pescoço. O cotidiano tem sido brutal nas cidades e nas relações humanas.

A Universidade não pode ser vista tão só como cumpridora de suas três tarefas básicas (pesquisa, docência e prestação de serviços). Ela "é uma das formas mais cruciais pelas quais o país se expõe ao mundo, e pela qual ela encontra sua identidade, na medida em que traduz experiências particulares na linguagem da civilização e da barbárie".

A Universidade não pode distanciar-se do saber de seu povo; cumpre esse destino participando de um processo bárbaro de civilização. O Ocidente, hoje, em crise total, transforma tudo em homogeneização.

As experiências particulares poderão tornar-se universais, se adentrarem nos mais diversos espaços.

A relação trabalho-objeto está totalmente arruinada. O mundo automatizado de objetos apenas técnicos é a cristalização do conhecimento, envolvendo normas e coisas.

Vivemos o paradoxo, uma crescente necessidade de novos conhecimentos, mas sabemos que o "conhecimento morto molda o conhecimento vivo. Um novo saber nasce no saber morto que está inscrito nas coisas".

IMAGEM Nº 3°

“Os Valores Pessoais” Magritte.

Magritte, ao transformar as relações entre as proporções dos objetos, questiona seus valores e questiona nossos valores. Uma cama acolhe um pente; um guarda roupas acolhe um pincel de barba, é espelho, é céu e não depositário; uma taça é transparência impermanente; a parede ao fundo é finito no infinito.

O ambiente interno transcende a si mesmo, pente é, ao mesmo tempo, pente e não-pente; cama é cama e não-cama, e assim por diante. Os valores pessoais Magritianos perfuram os valores inscritos nas coisas.

Magritte aprisiona nos e liberta nos com suas imagens. É paradoxal, pois, ao mesmo tempo, mostra e nomeia; figura e diz; reproduz e articula; imita e significa; olha e vê, colocando-nos em uma perfeita armadilha, em um verdadeiro alçapão. A obra de Magritte tem como características apropriações, impermanências, hibridizações, ambiguidades, rebeldias.

Ele, dentre outros, define toda a complexidade da arte moderna - a complexidade que exemplifica a desvalorização da imitação da natureza como premissa básica para a pintura. Magritte prefigura, em projeção imaginativa, questões que se tomaram foco central na arte do século XX : o colapso de convenções deixadas pela representação ilusionista.

As escolas são, sempre, o começo de processos que se completam no exercício profissional.

A Universidade tem combinado o fazer e o fazer de conta, tanto com a prática do conhecimento, quanto com o conhecimento da prática.

A docência, o aprendizado e a pesquisa têm sido uma situação, ao mesmo tempo, inútil e formadora, vazia e cheia de significados sociais.

Faltam-nos condições de selecionar os problemas relevantes para o país e para a própria comunidade científica, para que possa haver uma trama auto-referente; falta uma prática do conhecimento; falta compreender o âmbito das regras universitárias e tratar de exercê-las. Mas há, ao mesmo tempo, uma produção continuada e pessoal que compete em nível internacional.

A pergunta a fazer é a seguinte:

Para que serve o aprender?

É esta a grande questão e o enorme desafio, uma vez que a resposta tem sido apenas pensar a escola como condição para se arrumar melhores empregos.

Isto é pensar uma sociedade apenas enquanto economia, em vez de pensá-la enquanto cultura. Isto é não acreditar, não investir e não propor uma relação entre arte & educação & sociedade que possibilite o exercício de cidadanias.

Precisamos de narrativas unificadoras; de mitos compartilhados que confirmem significados, metas e rumos de e para uma cultura. Existe uma grande diferença entre adquirir conhecimentos para ganhar a vida e **adquirir conhecimento para fazer uma vida**. Como pode uma pessoa que não consegue se manter, fazer sua vida?

A Educação tem contribuído para a pobreza e não para a riqueza e valorização das diversidades e potencialidades. Algumas das pessoas mais instruídas estão desempregadas.

A Escola precisa conexão com o mercado de trabalho, porém, de forma crítica. Enquanto a escola tem preparado o consumidor sem crítica, a indústria o tem preparado para a produção, gerando uma série enorme de desencontros. Temos duas situações para enfrentar, urgentemente:

a sanidade - indivíduos incapazes, e um sistema falido e competitivo.

Temos que recuperar a dimensão do saber e a dimensão da ética

Segundo Lyotard, quando as instituições impõem limites aos jogos, há uma restrição de inventividade por parte dos jogadores de realizarem seus movimentos. Quando as Universidades Brasileiras nos enformam com suas restrições (obrigando-nos a ficar dentro de “fôrmas”), as inter-relações ficam apenas em nível de saber-e-poder. Guerras não são feitas sem regras, mas as regras permitem e encorajam a maior flexibilidade possível de alterações.

Existem, em nossas Universidades, espaços para linguagens experimentais e posteriores

sedimentações conceituais e questionadoras?
Espaços para nossas estruturações de formas e imagens?

Podemos contar histórias em espaços de encontros?

Há espaços para conversar, passear, simbolizar e imaginar?

As respostas são claras.

- Sim, se a universidade aberta cria laboratórios específicos e ateliers;

- Sim, se os espaços de trabalhos e de encontros têm cenários apropriados;

- Sim, se os limites da velha instituição estão à vista.

Conhecimento - SABER - não pode ser reduzido a ciência, nem mesmo a ensino. Ensino é um leque de declarações que elegem umas e excluem outras.

O conhecimento, como tem sido entendido, inclui apenas noções de

.saber como .saber como viver .saber como ouvir.

Conhecimento é além de "saber como", é além de "saber como viver," é além de "saber como ouvir".

**Conhecimento é inventar a si próprio a cada momento,
é ser habitante espaço-temporal a todo instante,
competentemente, com domínio dos saberes,
dos quais se tem sabores.**

IMAGEM N° 4°

"O Corpo é a Casa" Lygia Clark, 1969.

Lygia denomina essa fase de seu trabalho como nostalgia do corpo. O homem encontra seu próprio corpo através de sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si mesmos. Ele torna-se o objeto de sua própria sensação e transcende a si mesmo.

Que caminhos temos proposto nas escolas para que as relações entre arte, educação e sociedade sejam SABERES ampliados? Quero dizer, quais

têm sido nossas construções de conhecimentos em arte e sobre arte? Nossos corpos estão nas escolas por inteiro?

IMAGEM N° 5°

"Parangolés" Hélio Oiticica, 1964.

Oiticica, ao "beber" influências inglesas-americanas-brasileiras, integra-se ao Morro da Mangueira no Rio e daí constrói toda uma obra antropofagiada, devorada, deglutida e saboreada com vigorosidade.

Parangolés são extensões de corpos, são meta-corpus. São exercícios experimentais de liberdade; tensões imanentes entre possibilidades e metamorfoses - vertigem, voragem, redemoinho e vórtex.

As universidades têm impossibilitado metamorfoses, pois limitaram-se à transmissão do que é estabelecido e julgado como conhecimento, ao invés de garantirem condições para pesquisadores. Elas garantiram, através de uma série de disciplinas "disciplinadoras", a formação de professores, ao invés de educadores e pesquisadores indagadores.

Há um tipo de conhecimento correspondente a um novo argumento, a um novo movimento, e há outro tipo de conhecimento correspondente à invenção de novos argumentos e novas regras incessantemente, como é o caso da arte.

**A ARTE está sempre em processo
de vir-a-ser,
havendo uma des-estabilidade
e uma abertura para pluralidades.**

As ênfases em pesquisa aplicada e pesquisa básica induzem à busca de argumentações para que se mantenha o poder.

O conhecimento é afetado pela predominância do critério de performatividade.

- . Quem transmite ensino?
- . O que é transmitido?
- . Para quem?
- . Através de que *médium*?

- . De que forma?
- . Com qual efeito?
- . As políticas das universidades têm sido coerentes com estas questões?

No contexto da legitimação, as universidades e instituições de ensino são chamadas para criar habilidades e não idéias - muitos doutores, muitos professores na mesma disciplina, muitos engenheiros, muitos administradores; mas poucos artistas, poucos músicos, poucos filósofos. A transmissão de conhecimento é designada para treinar uma elite capaz de guiar as nações para suas emancipações, mas não para suprir o sistema com jogadores capazes de aceitar totalmente suas próprias regras e postos requeridos pelas instituições. A universidade democrática, modelada por princípios humanistas, oferece muito pouco, ainda, no sentido da performance, havendo duas espécies de estudantes: os que reproduzem a "inteligência-profissional", e os que reproduzem a "inteligência técnica".

O grande desafio é fazer e pensar arte nos espaços acadêmicos, principalmente nas instituições de ensino.

ARTE E CULTURA E UNIVERSIDADE - UMA EXPERIÊNCIA UTÓPICA,

é uma reflexão de quanto e como estamos perdidos, mas com possibilidades e propostas de encontros.

A perda pode vir-a-ser a dimensão do encontro, desde que invistamos neste processo!!!

Temos entendido cultura apenas como a produção de determinados grupos e com uma única abordagem: "os fazedores de cultura", como se todos nós não fôssemos seres culturais.

A fruição cultural, o olhar, o perceber, o tocar, o sentir, o refletir, o criticar e o engolir, os atos de antropofagiar, estão fora das Universidades.

O conhecimento enquanto poder tem sido o poderio para um massacre cultural. Despejamos conhecimento academizado, muitas vezes visões unilaterais viciadas, sem nos darmos conta de que todas as pessoas são seres humanos

produtores de conhecimentos e capazes de refletir sobre eles.

Trabalhar com arte na escola é visceralmente paradoxal, complexo, desafiador, revolucionário; **exige a rebeldia** tanto de professores, quanto de alunos, que se tornam fazedores, pesquisadores e indagadores concomitantes de ARTE.

Fracastoro, pensador italiano do século XVI, afirma: "a arte não existe para distrair ou para ajudar a aprender, mas para **revelar** uma maneira de ser própria e comum a todos os homens.

Cabem aqui algumas citações de artistas:

. Paul Klee: "**a arte não reproduz o visível, a arte torna visível**";

. Marcel Duchamp: "**eu considero o fruidor tão importante quanto o fazedor**";

. Hélio Oiticica: "**arte é ambiental - reunião indizível de todas as modalidades em posse do artista ao criar, e as que surgem na ânsia inventiva do mesmo ou do próprio participante ao tomar contato com a obra**".

A Arte apresenta, torna presente de uma outra maneira, através de formas e imagens, autobiografias-sociais e viscerais; cria múltiplos significados e possibilidades, pois atrela imaginários, simbolismos e realidades, transcendendo-os.

Presentar é estar inquieto, é subverter a ordem, é estar contra as coisas já existentes, é construir uma vida singular, que afeta os outros e se deixa afetar.

Segundo Alfredo Bosi, "a arte é um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A arte emerge da vida, e dela emergindo, dela se distingue, afirmando-se numa COISA com especificidade própria. São aspectos inseparáveis, assim como a vida penetra na arte, a arte age na vida".

Na arte do século XX, há uma dialética de continuidade e de descontinuidade, uma construção advinda da desconstrução de uma codificação e decodificação específica. Uma

oposição que se manifesta entre uma estrutura formal rígida e as novas formas de pintura derivadas do expressionismo abstrato. A descontinuidade é característica das várias formas de pintura reticular abstrata e de muitos tipos de escultura atual.

A reanimação e revitalização da cultura denominada pós-moderna é distinta da estrutura patriarcal de Descartes e envolve um outro modo de pensar a feminidade. Estes modos de conexão têm profundas ramificações na maneira como pensamos a arte e como pensamos sobre arte, e aponta contra uma estética prévia, baseada em noções masculinas de radical autonomia. Esses padrões dicotômicos de patriarcalismo têm nos dado a separação e o aniquilamento de uma totalidade, levando-nos ao que podemos chamar de racionalidade sem coração. A visão do mundo, agora emergente, demanda que entremos em uma união intrínseca com a percepção e com a paixão. Um possível reencantamento da arte, segundo Suzi Gablik, depende de nossa integração e co-autoria, depende de empatias e modalidades relacionais de engajamento. É necessário que se construa uma estética de conexões, na qual estejam inseridas,

**a estética da diversidade,
a estética da precariedade,
e uma estética eco-ética cultural,**

às quais remontam, no Brasil, a Glauber Rocha, a Lygia Clark, a Hélio Oiticica.

A arte induz a uma participação dinâmica, ao invés de passiva. Espectadores passivos não estarão vivendo contextos nem conexões. Os significados não estão no observador, nem no observável, mas na inter-relação entre os dois. Interação é a chave que move a arte além de um módulo estético. Quando observador e observável se fundem, há uma inter-participação, e a visão de uma autonomia estática não se sustenta, gerando uma co-participação e uma co-autoria, reafirmando as citações de Duchamp e Oiticica, que afirmam que a obra só se completa com o fruidor.

Quando pensamos que o mundo é composto de objetos isolados e ficamos fascinados com suas individualizações, temos uma estética que

emoldura, que coloca em “formas” e deixamos de ter possíveis emolduramentos que consistam de interações dinâmicas e processos inter-relacionais. Para isto, é preciso pensar a transformação histórica das tradições estéticas tanto de Descartes, quanto de Kant, baseadas na autonomia e na essencialidade, para uma prática da arte baseada em inter-relações ecológicas e ecosófica, relacionadas ao caráter processual do mundo e em uma diferente permeabilidade com a audiência e a fruição. Um reencantamento da arte solicita, definitivamente, uma nova sensibilidade e uma nova percepção, baseadas em um novo paradigma holístico, o mundo como espaço de inter-ação e inter-conexão, o mundo como espaço de inteiridade. Enquanto brasileiros-universais, somos “pachucos”, termo de Octávio Paz no livro **Labirinto da Solidão**, que diz dessa mescla infinita de origens, influências e incorporações; somos índios-portugueses-negros-cafusos-mestiços-holandeses, somos americanos-africanos-europeus-asiáticos-oceânicos,

**somos, enfim,
misturas múltiplas-antropofagiadas,
aspiradas respiradas transpiradas.**

Na América Latina, a realidade é criativa e destrutiva, é mãe e túmulo. A realidade e o mundo que nos circundam têm vida própria, são inventados por seus habitantes. Pertencemos a um mundo em constante construção e transformação - somos híbridos. Estamos, simultaneamente, fascinados e perturbados. Nossos cultos de morte são cultos de vida, morte e vida são experiências solidárias e solitárias.

A busca de uma auto-destruição deriva não somente de nossas tendências para ela, mas também de uma certa variedade de emoções religiosas. Amamos crenças, mitos e lendas. Viver significa cometer excessos, quebrar regras, ir a limites experimentados pelas sensações. Não basta nos vermos como Narcisos em águas que nos refletem, vamos além delas e de Narcisos. Corpos existem e dão pesos e formas às nossas existências; causam-nos dores e prazeres. Não são agrupamentos de roupas que vestimos

conforme os diferentes hábitos, nem coisas fora de nós mesmos.

NÓS SOMOS NOSSOS CORPOS.

AS IMAGENS E FORMAS SÃO NOSSOS CORPOS E NOSSAS INTEIRIDADES.

A desconstrução torna-se uma orquestração do colapso, um espelho quebradiço da cultura na qual os produtos podem ser, continuamente, réplicas de outros produtos, em que artistas se tornam co-autores de trabalhos de muitas pessoas e tudo compete sem envolvimento de sedução. **Sedução e paixão são necessidades coladas nas imagens e nas formas e na desconstrução antropofagiada que gera outra CONSTRUÇÃO.** Segundo Suzi Gablik, "as tradições dão a nós nossos valores" (sejam tradições orais, artesanais, lendas etc); os momentos nos quais estamos nos construindo, nos inventando, ficam ligados a esse passado e, ao mesmo tempo, a um futuro, que por sua vez, está ligado ainda, à tecnologia. Este futuro é entendido como projetos a serem construídos. No entanto, todos esses momentos, denominados passado-presente-futuro estão interligados, gerando-se um ao outro, abastecendo-se e negando-se.

ARTE E CULTURA UNIVERSIDADE - UMA EXPERIÊNCIA UTÓPICA,
é a possibilidade de uma verdadeira ação cultural
que deve tornar ativos e integrados três aspectos:
a imaginação, a ação, a reflexão

- . **a imaginação** é o exercício do desafio para **poder ser**, tanto por parte desta comunidade acadêmica, quanto por parte de toda uma sociedade;
- . **a ação** é o fazer e o fruir simultâneos. Em um determinado momento sou fazedora, noutro sou fruidora;
- . **a reflexão** é a crítica de toda uma dimensão, que gera "outras" imaginações, "outras" ações e assim sucessivamente.

**Imaginação, ação e reflexão são direitos de cidadania,
são partes de nós mesmos.
É possível identidades criticamente utópicas e transformadoras do conhecimento,
apesar de ser um escândalo de esperança, porém, necessário e urgente!!!
Precisamos conectar o poder do inaceitável e a vontade do impensável.**

Para esta prática, alguns possíveis caminhos. Aponto seis caminhos:

- 1°. criar uma pedagogia política, métodos de trabalho em ARTE e sobre ARTE que satisfaçam às nossas necessidades e aos nossos desejos, mesmo que seja necessárias criações de anti-métodos;
- 2°. desafiar hierarquias discursivas, investindo em ações apresentacionais, no caso
- 3°. investir em desejos e desafios, investir em uma ética com "tesão e prazeres";
- 4°. buscar uma abordagem holística, **ontológica**, referente àquilo que eu sou;
- 5°. buscar uma abordagem holística, **epistemológica**, referente àquilo que eu sei;
- 6°. buscar uma abordagem holística, **gnoseológica**, referente a como eu sou e sei, socialmente.

**Nossa cognição crítica é apenas uma parcela para desafiar as bases do sistema.
É preciso investir em uma práxis de transformação,
que realmente vá além da forma tradicional.**

Precisamos investir efetiva e afetivamente na luta por "outras" construções; ter práticas culturais oposicionais; ser apaixonado pelo mistério e pelo engajamento.
A transdisciplinaridade, enquanto transgressão, é alicerce para ligar e interligar teoria, práxis e crítica.
É preciso ressubjetivar o "self" no sentido Foucaultiano.

Identidades e subjetividades são questões eco-éticas.

Vivemos, ainda no século XX, a multiplicação de “medias”. As imagens e a informática alteram as nossas relações com o tempo e com o espaço e, conseqüentemente, as nossas relações com o saber e com o poder.

A “media” muda o espaço público e a constituição do imaginário.

Segundo Bernd Fichtner, o computador e as transformações sociais do saber são uma questão para a pedagogia. O computador é um meio de transformação da atividade humana; é um meio de reflexão para o homem. A forma passa a ter uma estrutura estelar e não apenas signica ou icônica. Os objetos, anteriormente denominados apenas pela invenção fonética, são, agora, questionados e “derrotados”.

Fichtner faz uma pergunta a um amigo seu de 04 anos:

- Qual a palavra mais comprida, urso, vaca ou borboleta?

E ele responde:

- “Urso, é claro, você não sabia?”

Esta resposta demonstra um pensamento estelar, um pensamento de possibilidades.

Com a invenção da escrita, o pensamento tomou a forma linear, perdendo a capacidade metafórica. O computador, se estiver atrelado a mudanças sociais, pode transformar o conhecimento, pode abrir infinitas e múltiplas possibilidades, pode, inclusive, possibilitar pensamentos estelares.

O saber é cada vez mais genérico. Cada vez mais se assemelha a um lugar no qual a gente possa ficar e configurar esse espaço para nele nos sentirmos bem.

Mas o saber tem sido uma porta na qual passamos, sem saber para onde.

O computador potencializa operações de práxis experimentais. Ver algo como algo são competências metafóricas, que, por sua vez, são condições necessárias para a transformação da experiência humana. A criança, aos três meses, tem competência metafórica.

IMAGEM N° 6°

Cidades Utópicas” Lucimar Bello, 1993-94, são minhas imagens e, ao mesmo tempo, a tentativa de manter as minhas competências metafóricas.

Nesta virada do século, há fascínio de conquistas e, ao mesmo tempo, sensações de enormes perdas, pois estamos nos limites da fragmentação.

A idéia de caos contesta o determinismo e a linearidade. Fragmentação e caos aparente são ferramentas para enfrentarmos a diversidade e a multiplicidade de informações e troca de saberes com sabores. É preciso inverter esta relação com o caos: ele é caminho para possibilidades e multiplicações de conhecimentos e questionamentos.

Precisamos, urgentemente, recuperar a ética

a ética da diversidade,

que quer dizer,

respeito ao outro com todas as suas diferenças; solidariedade com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e transcendência; associação aos outros na busca de convivência harmoniosa com a natureza.

Sem a diversidade da espécie e da cultura, a CRIATIVIDADE não existe.

Educação é espaço de construção política como espaço público, entendido, este último, como espaço relacional e social.

É preciso uma redefinição simbólica e uma redefinição política entre as relações arte & educação & sociedade.

Há necessidade de uma teoria social crítica, uma nova ordem mundial e uma nova economia do afeto.

A EDUCAÇÃO EXIGE UMA OUTRA CONFIGURAÇÃO e UM PENSAMENTO ESTELAR QUESTIONADOR.

A educação exige um pensamento que questione os modos de propriedade do ser humano, e que questione os modos de produção, o que precede uma necessidade.

Os caminhos, entre outros, precisam ser:

1°. afeto,

- 2º. compreensão,
- 3º. criatividade,
- 4º. ação reflexiva,
- 5º. auto-estima,
- 6º. respeito.

Nós, que estamos nas escolas, temos, muitas vezes, matado literalmente as forças construtivas, quando separamos arte, linguagem, ciência, filosofia e tecnologia.

**UM NOVO PARADIGMA EXIGE
CURIOSIDADE, DESCOBERTA,
CONSTRUÇÃO, RESPEITO À NATUREZA:
UMA ECO-ÉTICA!!!**

**Ensinar é uma atitude caleidoscópica,
que, por sua vez, nunca tem equilíbrio
estático.**

**Educação não é um processo linear!!!
Educação é processo estelar e múltiplo,
extremamente dinâmico!**

**O grande desafio é o intercâmbio
de conhecimentos reflexivos.**

**EDUCAÇÃO SÃO UTOPIAS REALIZÁVEIS
TRANSCULTURAIS,
RESGATANDO O CULTURAL E O
AMBIENTAL!!!**

Arte como **conhecimento** e como **construção** oferece a nós, não só um modo de argumento, mas um argumento que é **auto-conhecimento** e **seu status é conhecimento social**, é mais do que as origens de si mesmo, é um leque de atos escritos e imagens originais, alicerçadas nas inter-relações. A prática da teoria, e a prática de escrever não são distintas. Há uma inter fusão da filosofia com a imaginação; do crítico com o criativo.

**Fazer arte é inter fusão de filosofia,
imaginação, criticismo, criação de
imagens-formas.**

Arte é orientação de vida no mundo.

A Arte é uma essencial e fundamental maneira de questionamento humano, está historicamente localizada na cultura e no discurso de seu tempo,

mas o transcende. Formas são geradas por intuições, por uma certa estética de auto-conhecimento e pela imaginação, que possibilitam apreensões e expansões de diferentes maneiras de perceber um tempo que está sendo vivido, gerando ambiguidades, discordâncias e inquietações.

Concluindo:

A Arte transcende tempos históricos,
é espaço-tempo-existencial-cósmico.

A Arte não trata o observador como observador em separado,
mas o seduz
e o incorpora à obra - ele é, também, obra.

A Arte não é uma ligação entre causa e efeito.
A Arte não separa eventos internos de eventos externos,
nem mesmo são eventos,
mas partes de uma vida-em-vivenciação.

A Arte preenche a lacuna entre o denominado presente-passado-futuro, pois é além deles - é experiência vivida e "vivenciante".

Arte é gerar formas, a partir de **experiências significativas** e seus "**continuums**", como diz John Dewey.

A Arte é gerar imagens autobiográficas-sociais, incorporando o caos.

Arte é movimento holístico conectado com a vida.

Reafirmo:

A Arte é **ontológica**, o que eu sou;
a Arte é **epistemológica** o que eu sei;
a Arte **gnoseológica**, o que eu sou e como eu sei,
socialmente, com imaginação.

Arte é relação intimista entre o "Para Si" e o "Para Outro" de Merleau-Ponty, eu comigo mesmo; você consigo mesmo, e eu-com-você e você-comigo, Sabendo e Fazendo ARTE.

A Arte não é uni-relacional,
mas multi-relacional,
pluridimensional.

**Precisamos conectar o poder do inaceitável
e a vontade do impensável.**

**Arte é conhecimento, arte é trabalho, arte é
invenção realizada.**

**Arte se dá no instituinte, que cria novos
paradigmas:**

ético-estético-político.

**Ético é ser habitante do espaço e do tempo;
estético é inventar e tornar a inventar,
sempre, o mundo
como um trabalho de arte;
político é enfrentar, com imaginação, as
forças de guerra.**

**Ser antropofágico é ser instituinte!!!
Fazer Arte e Ser Professor de Arte é atuar
no instituinte!!!**

Finalizo, propondo para um terceiro milênio,
algumas apropriações, através de viagens às 6
imagens iniciais:

1ª viagem - Vélazquez e as infinitas
POSSIBILIDADES;

2ª viagem - Gauguin, e as RUPTURAS;

3ª viagem - Magritte e a MAGIA DO
IMAGINÁRIO;

4ª viagem - Lygia Clark e a CORPOREIDADE;

5ª viagem - Hélio Oiticica e os META-CORPUS;

6ª viagem - as minhas INQUIETAÇÕES,
as quais me seduzem a FAZER E PENSAR
ARTE,

através das inter-relações entre
a arte & a educação & a sociedade!

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. 2. ed.,
Campinas, Papirus, 1987.

DANTO, Arthur C. *Encounters & Reflections; art
in the historical present*. New York, The Noon-
day Press, 1991.

COELHO NETO, José Teixeira. *Usos da Cultura*.
Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

————— *O que é ação cultural*. São
Paulo, Brasiliense, 1988.

GIANNOTTI, José Arthur. *A Universidade em ritmo
de barbárie*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo e FUSARI,
R.F. de Rezende. *Metodologia do Ensino de
Arte*. São Paulo, Cortez, 1991

LYOTARD, François. *The postmodern condition;
a report on knowledge*. Manchester, Manches-
ter University Press, 1989.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade
Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985

PAREYSON, Luigi . *Os problemas da estética*.
São Paulo, Martins Fontes, 1985.

POSTMAN, Neil. A escola que você conhece está
com os dias contados. IN: Folha de São Paulo
- World Medika Network. São Paulo, 06/07/
93, p. 21.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São
Paulo, Brasiliense, 1986.

SUBIRATS, Eduardo. *A cultura como espetáculo*.
São Paulo, Nobel, 1989.